

Resenha

REBOUL, Olivier. Introdução à Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004

Pablo Silva Machado Bispo dos Santos¹

Este é um livro de grande utilidade para todos os que desejam iniciar-se no estudo do discurso, além de constituir ao mesmo tempo importante fonte de reflexão a respeito da retórica, mesmo para aqueles que já possuem leituras prévias sobre o tema.

Nesta obra, o filósofo francês Olivier Reboul procura discutir e aprofundar temas que são referentes ao discurso, e que são discutidos, no entanto, por especialistas de diferentes áreas, como a Comunicação Social, o Direito, a Filosofia e a Educação. O modo como tais temas são apresentados pelo autor oferece a possibilidade da realização de dois tipos de leitura, sem nenhum prejuízo para quem escolher qualquer uma delas: a) uma leitura seqüencial de todo o livro; b) uma leitura dos tópicos específicos abordados em cada seção e capítulo.

Quanto à sua estrutura, cabe indicar que o livro apresenta as seguintes divisões: Origens da retórica na Grécia (Capítulo 1); Aristóteles, a retórica e a dialética (Capítulo 2); O Sistema Retórico (Capítulo 3); Do século I ao século XX (Capítulo 4); Argumentação (Capítulo 5); Figuras (Capítulo 6); Leitura retórica de textos (Capítulo 7); Como identificar os argumentos? (Capítulo 8); Exemplos de leitura retórica (Capítulo 9); Conclusões (Capítulo 10). A seguir, apresento um breve detalhamento de cada parte deste livro.

O capítulo inicial desta obra expõe o que o autor considera como o primeiro momento em que a retórica surge. De um ponto de vista histórico, procura situá-la no que se refere aos seus fundamentos e ao contexto da antiga Grécia, no período anterior a Sócrates. A idéia central deste capítulo é a de uma história da retórica, e (talvez ironicamente) o autor a coloca logo na primeira página mediante uma petição de princípio (argumento que dá como pressuposto exatamente aquilo que deveria ser provado em uma discussão), ao afirmar que: “a melhor introdução à retórica é sua história (p. 1)”. Deste modo, vemos nesta parte uma apresentação dos princípios fundamentais da arte da argumentação desenvolvida pelos sofistas, os quais viajavam de cidade em cidade ensinando a retórica, encarada por eles como sendo basicamente a arte da persuasão. Para Reboul, a retórica dos sofistas pautava-se principalmente na tentativa de fazer com que o verossímil (aquilo que muitas vezes é verdadeiro, ou, que meramente parece verdadeiro) se fizesse passar pelo verdadeiro, tornando assim fortes os argumentos de qualquer debatedor.

No segundo capítulo, Reboul procura realizar um apanhado das perspectivas retóricas dos sofistas, de Sócrates (e de Platão) e de Aristóteles, com base nas distinções entre retórica e dialética, e, entre verossímil e verdadeiro, questão esta que define o lugar que cada perspectiva filosófica atribuirá à retórica. É interessante notar que nesta parte do livro, as questões referentes ao discurso são situadas no cerne das discussões filosóficas mais amplas e mais candentes, atribuindo à retórica (e à dialética), papel privilegiado no que se refere à investigação da verdade. Neste sentido, merecem destaque dois elementos: 1) a discussão que é realizada, entre o papel atribuído à retórica e à dialética por Sócrates (e Platão) e Aristóteles; 2) a noção de valorização do verossímil desenvolvida por Aristóteles. No que se refere ao primeiro destes elementos, é conveniente indicar que para Sócrates (e Platão), a dialética é o instrumento por

excelência para a busca da verdade e para a identificação do que é meramente verossímil (visto de forma pejorativa, pois acaba por induzir ao erro por sua aparência de verdade). Assim, a dialética, entendida como a capacidade analítica, a qual permite (entre outras coisas) identificar as contradições eliminá-las é valorizada como sendo a própria essência da filosofia. Enquanto isto, a retórica nesta perspectiva figura como um tipo de conhecimento que serve muito mais para iludir e confundir quem busca a verdade do que para outra coisa. Para Aristóteles, ao contrário, a retórica possui um lugar de destaque no que se refere à investigação da verdade, e a ela cabe, entre outras coisas dar a um discurso organização, bem como, trazer uma idéia para a discussão enquanto elemento verossímil referente às coisas deste “mundo sublunar” (especialmente as que se referem à política e ao cotidiano). É neste sentido, que Aristóteles valoriza novamente o verossímil, como sendo um dos “lugares do discurso” (expressão que usa para designar os tipos de argumento empregados em cada campo argumentativo) que merecem maior atenção no estudo da filosofia, cabendo à retórica o papel de lidar com esta (e outras dimensões) alusiva(s) à prática discursiva.

O terceiro capítulo, por sua vez, desenvolve as contribuições aristotélicas para o estudo e para o emprego da retórica. Retoma a questão dos gêneros discursivos aristotélicos (epidíctico, apodíctico e judiciário), ligados às três dimensões dos “auditórios”: ethos (aspecto ético), logos (aspecto intelectual/racional) e pathos (aspecto emocional). Deste modo, Reboul procura dar ao leitor a noção das possibilidades de utilização destes componentes argumentativos, bem como detalha passo a passo me que consiste a força e a utilidade de cada um destes gêneros, além de demonstrar como são compostos tais discursos mediante as etapas: A) invenção (heuresis): “[...] a busca que empreende o orador de todos os argumentos e de todos os meios de persuasão relativos ao tema de seu discurso (p. 43)”; B) disposição (táxis): “[...] a ordenação desses argumentos, donde resultará a organização interna do discurso, seu plano (p. 43)”; C) elocução (lexis): “[...] que não diz respeito à palavra oral, mas à redação escrita do discurso (p. 43)”; D) ação (hypocrisis): “[...] a proferição efetiva do discurso com tudo o que ela pode implicar (p. 44) “. Deste modo, apresenta a noção de que a retórica compõe-se de um sistema a partir do qual se derivam as muitas variações observadas nos padrões discursivos argumentativos existentes ao longo da história.

O quarto capítulo é o que faz a maior análise de trajetória histórica, no tocante à retórica. Nele encontramos referências que vão desde os oradores romanos mais famosos (como Cícero e Quintiliano), até os trabalhos mais recentes de estudiosos do tema como Perelman e Olbrechts-Tyteca, passando pelos escolásticos no período medieval e pelas perspectivas filosóficas de filósofos do porte de René Descartes e David Hume no que se refere à questão da análise do discurso. Destaque especial deve ser dado à retórica desenvolvida pelos romanos, a qual, segundo o autor, incorporava elementos teatrais como a mímica ao escopo da argumentação. Igualmente deve ser ressaltado o modo como este autor enfoca a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca, no sentido de retomar as contribuições aristotélicas e trazer novamente a retórica para um papel de destaque no cenário filosófico da contemporaneidade. Para Reboul, o século 20 observa uma retomada da retórica, porém constata que isto muitas vezes ocorre com um esvaziamento de seu conteúdo, tornando-a meramente uma ciência da análise das figuras do discurso, o que é colocado em causa e refutado por Perelman (e, de certa forma, pelo próprio autor). Neste sentido, é interessante salientar o diálogo que faz com autores como Roland Barthes, diálogo no qual discute a abrangência do estudo da retórica, recolocando-a como parte integrante do campo filosófico e jurídico, e não somente (como pretende Barthes) objeto de estudo da lingüística e da literatura.

No quinto capítulo, encontramos uma discussão que sai da proposta histórica encetada pelo autor no início do livro. Vemos então uma espécie de compilação dos principais elementos de um texto argumentativo, bem como uma contextualização dos usos e possibilidades da retórica no que diz respeito a seu emprego na composição de trabalhos acadêmicos, textos publicitários e jurídicos (dentre outros). Assim, retoma exemplos do emprego de técnicas argumentativas na composição de tarefas relativamente simples, como a composição de um texto acadêmico ou uma aula, e relaciona as técnicas de escrita e apresentação com os princípios da retórica elencados em capítulos anteriores. Este capítulo pode ser entendido como uma contextualização do tema, ressaltando seu emprego na atualidade e recolocando-o em discussão, o que se contrapõe à noção de que a retórica é um conhecimento de ordem inferior.

O sexto capítulo aprofunda a questão colocada pelo anterior, ou seja, a contextualização da retórica aos usos atuais. É interessante ressaltar que a partir deste capítulo o livro de Reboul reveste-se de um caráter cada vez mais prático, aproximando-se em capítulos como este (e em mais três subseqüentes) de um estilo que lembra o de um manual acerca do assunto. Neste capítulo, chama a atenção a retomada da discussão das figuras de estilo literário, na qual o autor aponta a relação entre retórica e literatura e dá à elocução do discurso um valor que vai para além do discurso literário e sua preocupação estética, apontando para um uso pragmático da retórica, não somente no que concerne à beleza dos textos, mas também à possibilidade de um uso voltado para a persuasão e para a explicitação clara do que se pretende dizer.

O sétimo capítulo, intitulado: “Leitura retórica de textos”, consiste em um aprofundamento do caráter analítico da retórica (o qual seguirá até o nono capítulo). Ainda sobre este capítulo, se recorrermos a uma análise da estrutura na qual os temas são distribuídos ao longo da obra perceberemos que os três primeiros capítulos desenvolvem uma digressão histórica dos usos e sentidos da retórica ao longo do tempo, os três subseqüentes apresentarão elementos referentes ao modo como o autor acredita que a retórica auxilie na composição (e, por que não dizer, síntese) de argumentos eficientes para os mais diversos usos. Os capítulos que vão do sétimo ao nono, apresentam outro objetivo, qual seja o de empregar a retórica como instrumento analítico, seja no que se refere a textos, discursos orais e/ou imagéticos. Neste sétimo capítulo, Reboul chama a atenção para a forma como a retórica se presta a um tipo particular de análise de conteúdo: a análise retórica focada na leitura de um texto. Para tanto, indica que: “a análise retórica não pretende saber se um texto tem ou não razão [...] ela dialoga com o texto (p. 139)”. Igualmente importante para o autor é a maneira como este diálogo será estabelecido, o que se dá mediante algumas perguntas que devem ser dirigidas ao texto, tais como: “Em que ele é persuasivo? Quais são seus elementos argumentativos e oratórios (p. 139)?” Igualmente importante para o autor é a percepção de quem é o orador, bem como da maneira como este se posiciona frente ao “campo²”. Por fim, é correto afirmar que este capítulo introduz aos aspectos preliminares da análise retórica de textos.

O capítulo de número oito apresenta um aprofundamento da análise retórica, pautado na identificação e análise dos tipos de argumentos empregados em um texto. Nesta parte o autor discute a maneira como as figuras argumentativas e os tipos de argumentos constituem os principais mecanismos para a compreensão dos diferentes gêneros de texto. Merece especial menção o que o autor coloca sobre o mote central de um texto: “[...] figura ou argumento que serve de princípio organizador para o texto [...] encontrando-o, encontramos a unidade viva do discurso (p. 158)”. Assim, segue Reboul

trazendo alguns exemplos de textos construídos a partir de diferentes figuras argumentativas, encerrando o capítulo de modo a chamar a atenção para o que o sucede, no qual fornece exemplos de leitura retórica de textos.

O nono capítulo consiste em exemplos de aplicação do método de análise retórica proposto pelo autor. Neste sentido, é interessante destacar o modo como o autor exemplifica sua técnica de análise retórica, examinando diversos tipos de texto e argumento, os quais vão, desde um comercial de televisão, até obras de filosofia. Por fim, retoma a questão do sistema retórico e coloca seus acréscimos, os quais compõem três regras: “fazer perguntas ao texto [...] indagar o conjunto do texto [...] buscar o vínculo entre o argumentativo e o oratório (p. 195)”. Ao encerrar seu livro (já nas conclusões), o autor conclui dizendo que o estudo da retórica deve ser retomado como uma forma de dialogar com o texto, e que a retórica, apesar de produzir um tipo de discurso sem raízes muito profundas, ainda assim é um tipo de conhecimento válido, especialmente na sociedade contemporânea, a qual está imersa em toda uma gama de discursos persuasivos.

Este é um livro que, sem nenhuma sombra de dúvida, apesar de ter sido produzido tendo em vista outras áreas de conhecimento (segundo o autor, este livro se dedica ao Direito, à Filosofia e à Comunicação Social), ainda assim traz algumas contribuições importantes para a área de Educação. Dentre tais contribuições, duas podem ser destacadas: a) a retórica como apoio à prática docente; b) a organização dos argumentos como uma espécie de pedagogia da clareza.

Em relação à primeira destas contribuições, é correto dizer que um dos elementos primordiais da prática da docência é o conhecimento dos alunos a quem o professor irá se dirigir nas aulas. Desat maneira, a noção de que cada auditório deve ser atingido a partir de suas disposições, é um elemento perseguido por muitos professores quando estão diante de suas turmas e procuram estratégias para motivá-las ou, que as levem em direção aos objetivos propostos. Desta maneira, é possível entender a retórica como um elemento auxiliar da prática docente, na medida em que uma das formas de atingir as turmas é justamente esta, a de conciliar os objetivos do docente às disposições das turmas. E, ao que tudo indica, a retórica é uma das formas de obter este conhecimento.

No tocante à segunda das contribuições mencionadas, é possível perceber, mediante a leitura do livro, que o modelo de organização dos argumentos e de montagem do sistema retórico é um importante subsídio para o planejamento das aulas, dissertações e/ou palestras, o que constitui o que podemos chamar de “uma pedagogia da clareza”, ou seja, mediante o aprendizado possibilitado pelo livro, no sentido de compor argumentos claros e facilmente identificáveis pelos interlocutores, temos aí mais uma maneira de trabalhar a relação eu-outro, a qual caracteriza os processos de ensino-aprendizagem formais, pois quanto mais claras forem as noções presentes nos conteúdos a serem transmitidos pelo professor, maiores as possibilidades de que os alunos os compreendam e possam se apropriar dos mesmos. Por último, cabe ressaltar que a partir da leitura deste livro é possível explorar de maneira oportuna as interfaces entre educação e filosofia, bem como entre educação e teoria do discurso.

¹ Editor Assistente de Educação Online e doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da PUC-Rio

² Expressão derivada da teoria aristotélica e que refere-se aos elementos argumentativos do auditório tomados em relação ao(s) debatedor(es).